

Jornal da Tarde

23/1/1986

Violência e prisões na greve dos bóias-frias em Guariba

Foram detidas 33 pessoas, num dia tenso, em que não faltaram choques com a polícia.

Por Galeno de Amorim Jr.

Algumas pessoas feridas e 53 detidas, inclusive oito menores: este foi o saldo de ontem da greve de bóias-frias de Guariba, na região de Ribeirão Preto, que entra hoje no seu quarto dia. Apesar do seu esvaziamento, ontem foi o dia mais tenso desde o início do movimento na segunda-feira. A polícia e os piqueteiros entraram em choque diversas vezes, mas não chegaram a repetir as cenas de violência registradas nas greves do ano passado.

Os primeiros incidentes foram registrados antes das sete horas, na rodovia José Corona, defronte o bairro João de Barro, onde reside a maior parte dos cortadores de cana do município. Policiais da tropa de choque da PM de Araraquara impediram a formação de piquetes, liberando todos os 80 caminhões "pau-de-arara" e ônibus da cidade para o transporte de trabalhadores ao campo. Alguns manifestantes atiraram pedras contra os policiais e, logo em seguida, dois piqueteiros denunciaram ter sido agredidos pelos policiais, o que foi desmentido pela PM.

Na parte da tarde, cerca de 80 pessoas foram a pé até os canaviais da redondeza para convencer os bóias-frias que estavam trabalhando a aderir ao movimento. Centenas deles voltaram para Guariba, mas a polícia foi avisada e prendeu 53 pessoas nas fazendas São Bento e Furtado.

Os piqueteiros obrigavam os motoristas dos caminhões a transportá-los para outros locais, onde havia turmas e, em um deles, foram apreendidos um revólver calibre 22 e um punhal.

Todos os detidos foram indiciados em boletins de ocorrência na delegacia de polícia e, até o início da noite, apenas os oito menores haviam sido liberados. O delegado assistente, Francisco Lacorte Filho, da Seccional de Araraquara, disse que vai abrir inquérito policial e que os ativistas poderão ser indiciados por atentar contra o trabalho organizado e por invasão de terras. "Garantimos o direito de greve, mas também o direito deis e vir", avisou o comandante da PM na região, capitão Milton Pink, para quem a situação já está "sob controle".

Dois dos menores detidos denunciaram, no final da tarde, terem sido agredidos por policiais militares, dentro da delegacia. "Me bateram com cinta e deram tapas e pontapés", queixou-se S.M.F., de 14 anos, acrescentando que "dava para ouvir da outra sala os estalos das pancadas nos outros que estavam lá".

A polícia informou que continuava procurando uma perua kombi amarela que, segundo Lacorte, estaria recrutando bóias-frias para, engrossar os piquetes e levar a greve ao município de Barrinha a 40 quilômetros de distância.

Além da assembléia realizada ontem à noite no estádio Domingos Baldam, uma outra reunião aconteceu no Sindicato dos Metalúrgicos de Sertãozinho. Apesar da disposição do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima, em conseguir mais adesões na região, os sindicalistas de cidades vizinhas, todos ligados à Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado), continuavam dispostos a não aderir, argumentando ser este "um momento inoportuno".

A paralisação começou a esvaziar-se em Guariba, e o próprio Fátima admitiu que, ontem, apenas metade dos três mil grevistas continuavam parados. "Foi dia de pagamento — justificou ele — e muitos foram só para receber, mas voltaram à tarde, com a ida de companheiros nossos ao campo". Já o assessor de imprensa das usinas, Fernando Brizola, disse não existir mais greve, classificando como normal a ausência de 12 a 15% dos quatro mil trabalhadores rurais da cidade.

Os diretores das usinas São Martinho e São Carlos, as únicas duas empresas atingidas pela greve, continuam negando-se a uma negociação direta com os grevistas, mas o Sindicato dos Trabalhadores anunciou para hoje cedo, na Delegacia Regional do Trabalho, em São Paulo, uma mesa-redonda com representantes da Federação da Agricultura do Estado (Faesb). "Se não derem 66% de reajuste e não recontratarmos os 800 desempregados, vamos decidir se invadimos terras ou se ateamos fogo nos canaviais", voltou a ameaçar José de Fátima.

(Página 8)